

Crítica Leibniziana ao Intuicionismo Cartesiano

William Siqueira Piauí (Bolsista PIBIC/CNPq)

Orientador: Franklin Leopoldo e Silva

O trabalho pretende reconstruir a crítica leibniziana ao intuicionismo cartesiano, isto é, pretende tratar da crítica que Leibniz faz ao caráter psicológico de assentimento às verdades operado pela filosofia cartesiana. O que resultará, por parte de Leibniz, em uma reconsideração da lógica na tentativa de estabelecer um formalismo que fuja deste caráter psicológico. Leibniz não pretenderá descrever as gestões espirituais e livres pelas quais o espírito chega à verdade, à dúvida, à evidência, etc.; para ele as regras de Descartes para o método são conselhos psicológicos de nenhum valor.

Para realizar seu formalismo e retomar o caráter demonstrativo das verdades ele fará várias considerações acerca da lógica aristotélica o que revela que a sua posição está mais próxima de Aristóteles que de Descartes. Para Leibniz as novas descobertas da matemática devem ser apresentadas de maneira que a sua necessidade seja visível a partir da sua forma. Enquanto que para Descartes demonstrar os conceitos e os princípios supremos significa exclusivamente mostrar a clareza e distinção psicológicas com que nós os representamos, para Leibniz, ao contrário, os elementos da dedução devem ser obtidos e elaborados pouco a pouco, em uma análise lógica cada vez mais profunda; para Leibniz, torna-se fundamental a retomada da demonstração formal. Para exemplificar parte desta crítica podemos indicar um caminho:

A crítica de Leibniz à filosofia de Descartes tem muitas direções, o que nos cumprirá neste texto é apontar de que maneira se constitui a sua crítica ao intuicionismo cartesiano, ou seja, como Leibniz torna legítima a sua oposição ao caráter psicológico de assentimento às verdades; princípio fundamental da filosofia cartesiana. Essa oposição pode ser exemplificada pela maneira que ambos, Leibniz e Descartes, consideram a lógica.

Devemos, então, explicitar o que Descartes pensa da lógica, cito:

“Cumpre-lhe (ao estudioso) estudar também a lógica; não a das escolas, porque esta, falando com propriedade, é apenas uma dialética tendente a ensinar os meios de fazer compreender as coisas que se sabem, até mesmo ensinar a dizer, sem prévio juízo, várias palavras referentes ao que não se sabe, e, deste modo, mais corrompe o bom senso do que o enriquece”.(pag. 41 *Princípios da filosofia*). E, mais ainda: ... com respeito a lógica, que os seus silogismos e a maior parte de suas instruções servem mais para explicar a outro as coisas que se sabem (...) e para falar sem juízo das que se ignoram, do que para aprendê-las, pois mesmo tendo realmente muitos preceitos verdadeiros e bons, têm, misturados com eles, tantos outros danosos ou supérfluos, que é quase tão difícil separá-los quanto tirar uma Diana ou uma Minerva de um pedaço de mármore...”(Pag. 35 *Discurso do Método*).

Dito assim, podemos notar que há uma certa recusa, por parte de Descartes, da lógica tradicional e principalmente a das escolas. Para realizar a sua filosofia ele preferiu adotar uma 'lógica' própria. E se quisermos chegar à verdade devemos aplicar os quatro preceitos indicados por ele, cito:

"...em lugar desse grande número de preceitos de que se compõe a lógica, creio que me bastariam os quatro seguintes, sempre que tomar a firme e constante resolução de não faltar nem uma só vez à sua observação.

Consiste o primeiro em não receber jamais como certa nenhuma coisa sem conhecer evidentemente que o é, e compreender unicamente em meus juízos, o que se apresenta a mim mesmo tão claro e distintamente que não teria motivo para colocá-lo em dúvida.

O segundo em dividir cada uma das dificuldades examinadas em tantas partes quanto for possível e necessário para resolvê-las melhor.

O terceiro, em dividir ordenadamente meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por graus, até o conhecimento do mais composto, supondo sempre uma ordem, mesmo que eles não precedam naturalmente uns aos outros.

O último, em fazer em tudo enumerações tão completas e revistas, tao gerais que estaria seguro de não omitir nada."(pag. 35 *Discurso do Método*).

E para deixar claro que seu método não se assemelha à lógica aristotélica ele escreve:

"Por método entendo aquelas regras certas e fáceis cuja rigorosa observação impede que se suponha verdadeiro o falso, e faz com que sem consumir-se em esforços inúteis e aumentando gradualmente sua ciência o espírito chegue ao verdadeiro conhecimento de todas as coisas acessíveis à inteligência humana."(*Regra IV*).

... todas as coisas podem clarificar-se em diversas séries atendendo não ao gênero de ser a que se referem (divisão que se assemelharia às categorias dos filósofos), mas ao fato de que o conhecimento de uma depende do conhecimento de outras, de sorte que sempre que alguma dificuldade se nos apresente, podemos determinar se é útil examinar certas coisas, quais são e em que ordem devemos examina-las."(*Regra VI*).

Em suma, esta é a lógica que, segundo Descartes, necessitamos para acostumar a nossa razão (luz natural) a conceber mais clara e distintamente os objetos. A partir daí podemos começar a indicar o que significa 'caráter psicológico de assentimento' O que Descartes pretende com seus preceitos não é constituir um procedimento infalível para se chegar à verdade, mas o de habituar o espírito a conceber mais claramente e distintamente. Ele mesmo afirma qual o seu verdadeiro propósito:

"Não é meu propósito ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para dirigir bem sua razão, mas unicamente fazer ver de que maneira dirigi a minha."(pag. 29 *Discurso do Método*).

Não se trata de explicar regras formais de obtenção da verdade, mas de acostumar o espírito afim de que ele possa distinguir melhor o claro do obscuro e o distinto do confuso. Sendo assim, ele deve mostrar que tipo de verdades podemos encontrar

seguindo esses preceitos, e é desta maneira que ele, fazendo uso da dúvida o que está de acordo com o primeiro preceito, chega à verdade primeira “eu penso, logo existo”. Ele diz:

“E tendo notado que nesta proposição eu penso, logo existo, o que me assegura de que digo a verdade é que vejo muito claramente que para pensar devo existir, julguei que podia tomar como regra geral que as coisas que concebemos clara e distintamente são verdadeiras, e que somente existe alguma dificuldade em advertir bem quais são as que distintamente concebemos.”(pag.44 *Discurso do Método*).

Eis o ponto central da filosofia cartesiana, o que Leibniz percebeu muito bem, e corresponde exatamente ao lugar onde localizaremos à sua crítica ao intuicionismo cartesiano.

Como pudemos perceber existe em Descartes a necessidade de criar um certo hábito afim de que possamos ver mais clara e distintamente; devemos assentir a uma verdade conforme ela nos pareça mais clara e distinta.

Para Leibniz, o distanciamento de Descartes do caráter formal das verdades transforma o seu método em conselhos psicológicos de nenhum valor. Isto resultará, por sua parte, numa reconsideração das regras formais de obtenção da verdade. A lógica, para ele, tem papel fundamental no julgamento das verdades, isto é, o caráter formal da demonstração deve ser retomado. Devemos, então, explicar o que ele entende por lógica, cito:

“Sob o nome de lógica, ou arte do pensamento, entendo a arte de utilizar o entendimento, não só a arte de julgar o que temos diante de nós mas também a de descobrir o que está oculto. Se semelhante arte é possível, isto é, se seus resultados brindam uma notável utilidade, se segue daí que é preciso buscar a todo custo e apreciar profundamente uma tal arte, ao ponto inclusive de considerá-la como a chave de todas as artes e ciências.”(*Carta a Gabriel Wagner* - pag. 354).

Como pudemos notar há uma apreciação considerável da lógica por parte de Leibniz. Mais do que isto, ele as estudou minuciosamente e nos revela: “Revisei todo tipo de lógicas para encontrar os melhores e mais minuciosos registros desta classe.”(*Carta a Gabriel Wagner* - pag. 355).

Sendo assim, a crítica que vai dirigir a Descartes pode ser entendida como uma revalorização da forma, e é nessa direção que ele vai criticar o primeiro artigo dos *Princípios da Filosofia* (de Descartes):

“Deve-se considerar o grau de assentimento ou dissentimento que algo merece, ou mais simplesmente, deve-se investigar as razões de toda asserção” E quanto aos axiomas e postulados ele afirma que: “Os admitimos não só porque conseguem satisfazer ao espírito mas também porque podemos verificá-los mediante inumeráveis experiências.”(ambas do: *Advertência aos Princípios de Descartes* pag. 413). “E considero que a demonstração dos axiomas é extremamente útil para a verdadeira análise ou arte de inventar. E desta maneira, se Descartes realmente quisesse desenvolver a fundo o melhor de seus preceitos, deveria ter se aplicado a demonstrar os princípios das ciências e fazer na filosofia o que Proclo queria na geometria.”(*op. cit.*, pg. 415)

A crítica leibniziano vai ao ponto fundamental da filosofia cartesiana quando faz a reconsideração do que seja o ‘claro e distinto’ cito:

“Em outra parte adverti que não é muito útil a regra tão divulgada de aprovar só as coisas claras e distintas se não proporcionarmos melhores notas do claro e distinto que as que Descartes nos oferece. São preferíveis as regras de Aristóteles e dos geômetras, a saber, que salvo os princípios, não admitimos nada que não esteja provado mediante um argumento válido: válido, isto é, não afetado por vício de forma ou matéria. Vício de matéria é assumir algo fora dos princípios, ou fora do provado com um argumento válido a partir dos princípios.”(*op. cit.*, pag 428).

Espero ter exemplificado a substituição do assentimento psicológico cartesiano pela revalorização da forma leibniziana. O que, com certeza, contribuiu para a necessidade da criação de uma nova lógica e que tornou Leibniz um dos maiores lógicos de sempre.